



A sombra do Curso (1960-1980)

Pierre-Yves Testenoire

► To cite this version:

Pierre-Yves Testenoire. A sombra do Curso (1960-1980). *Leitura*, 2019, Novo retorno a Saussure, 62 (1), p. 394-414. hal-01954773

HAL Id: hal-01954773

<https://hal.science/hal-01954773>

Submitted on 13 Dec 2018

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A sombra do *Curso* (1960-1980)¹

Pierre-Yves Testenoire

Universidade Paris-Sorbonne/HTL

O fim dos anos 50 inaugura incontestavelmente um novo período na recepção do *Curso de lingüística geral* (doravante *CLG*). Paralelamente às reconfigurações externas resultado das transferências disciplinares dos conceitos do *CLG*, o depósito dos manuscritos de Ferdinand de Saussure junto à Biblioteca Pública e Universitária de Genebra por seus descendentes suscita uma reconfiguração interna do *corpus* saussuriano. A consideração dos manuscritos do linguista permite então apreender o *CLG* não mais simplesmente como um reservatório de conceitos, mas como um objeto cultural e um artefato editorial. Ela abre o caminho para aquilo que se pôde identificar como uma “quarta fase da recepção do *CLG*” (PUECH, 2005), marcada por uma série de importantes trabalhos de filólogos saussurianos: aqueles de Godel (1957), Engler (1968-1974) e De Mauro (1967). Esses trabalhos correspondem ao que se poderia chamar de uma “filologia saussuriana de segunda geração” no sentido em que fala Benveniste, no fim de “Semiologia da língua”, de uma “semiologia de segunda geração” que seria uma metassemântica, pois não apenas esses trabalhos são cronologicamente desenvolvidos após os da geração de Bally e Sechehaye, mas também dizem respeito a uma “meta-filologia”, tomando como objeto de estudo e de superação o produto filológico da geração anterior, o *CLG*. Se esses trabalhos são imediatamente lidos e assimilados pelos especialistas, eles tardarão a modificar significativamente a percepção comum da lingüística saussuriana feita unicamente a partir do *CLG*. Paradoxalmente, são outros escritos de Saussure, que não têm diretamente muita coisa a ver com seu ensino de lingüística geral, que modificaram de maneira mais imediata e mais visível a leitura do *CLG*: os cadernos de anagramas. Publicados ao longo dos anos 60, estes cadernos suscitam de imediato importantes debates teóricos. No espaço de dez anos, eles mexem consideravelmente com as representações do pensamento saussuriano e as interpretações do *CLG* produzidas até então. O objetivo deste artigo é estudar esse momento específico

¹ Texto originalmente publicado em *Recherches sémiotiques / Semiotic Inquiry*, v. 34, 2014. Tradução de Alexandre Sales Macedo Barbosa. Revisão de Marcio Alexandre Cruz.

da recepção saussuriana em que a leitura do *Curso de linguística geral* encontra a dos anagramas.²

1960-1980: a dupla essência de Saussure

Redigidos entre 1906 e 1909, os manuscritos da pesquisa dos anagramas permaneceram com a família de Saussure durante meio século. Eles foram depositados na Biblioteca Pública e Universitária (BPU) com o resto dos manuscritos saussurianos pelos dois filhos do linguista em meados dos anos cinquenta.

A primeira menção pública à pesquisa saussuriana dos anagramas data de 1960. Ela se deve a Robert Godel, que, no “Inventário dos manuscritos de F. de Saussure confiados à Biblioteca pública e universitária de Genebra”, descreve pela primeira vez este trabalho. Embora os manuscritos de anagramas “formem”, como ele reconhece (GODEL, 1960, p. 6), “a parte mais considerável dos manuscritos que ele [Saussure] deixou”, Robert Godel não se interessa por eles, mas fala de sua existência a seu colega de Literatura francesa da Universidade de Genebra, Jean Starobinski³. Este publica os primeiros fragmentos em um artigo, em 1964, no *Mercur de France*. Quatro outros artigos se seguirão até 1971, quando Starobinski os reúne em uma obra, *As palavras sob as palavras. Os anagramas de Ferdinand de Saussure*. Estas publicações encontram um eco imediato. Os anagramas suscitam controvérsias apaixonadas, do fim dos anos 60 até o início dos anos 80, período em que o interesse por esta questão diminui e cai o número de publicações que lhe são consagradas; são 15 anos no curso dos quais os anagramas se encontram no coração de debates teóricos que envolvem figuras de prestígio do campo intelectual. Particularmente viva, esta recepção imediata não se dá sem paradoxo. Ela é, por exemplo, quase exclusivamente fundada sobre os fragmentos publicados por Jean Starobinski, que representam uma ínfima parte dos manuscritos de anagramas então disponíveis na Biblioteca de Genebra. A desproporção entre a estreiteza do *corpus* saussuriano mobilizado e a amplitude das reações suscitadas é,

² Precisão terminológica: chamamos “anagrama” a pesquisa de Saussure que é comumente designada pelo termo “paragrama” nos textos dos anos 60-70. Sabe-se que Saussure tentou diversos nomes para designar sua hipótese, sendo os dois principais: “anagrama”, entre 1906 e o início de 1908, e “hipograma”, de 1908 a 1909. “Paragrama” é utilizado apenas em alguns cadernos consagrados a Lucrécio, mas foi popularizado por Julia Kristeva. Sobre a variação terminológica na pesquisa de Saussure, ver Wunderli (1972, p. 42-54) e Testenoire (2013, p. 65-115).

³ Ver a esse respeito o testemunho de Starobinski recolhido por Bruzzese (2010, p. 273).

sob este ponto de vista, surpreendente. Se alguns assinalam esta lacuna filológica⁴, a maioria dos comentadores da época sequer a menciona.

De resto, a recepção imediata dos anagramas se caracteriza por diversos traços notáveis:

- O que chama a atenção, em primeiro lugar, é a pluralidade dos campos disciplinares envolvidos na leitura dos anagramas. A primeira recepção é mais dos teóricos da literatura (Barthes, Meschonnic, Riffaterre), dos semioticistas (Kristeva, Avale), dos filósofos (Derrida, Faye, Lotringer, Baudrillard), dos psicanalistas (Lacan, Irigaray), até dos escritores (Deguy, Sollers), que dos linguistas. Os raros linguistas que se interessam por eles são frequentemente motivados por sua abertura interdisciplinar: sobre as questões de poética (Jakobson, Wunderli), ou sobre o pensamento lacaniano (Milner).

O eco encontrado pelos cadernos de anagramas fora do domínio da linguística se deve em grande parte às modalidades de sua transmissão. A recepção dos anos 60-70 repete o gesto inaugural de Robert Godel que, embora professor de latim na Universidade, confia o estudo destes manuscritos, majoritariamente consagrados à poesia latina, a seu colega de literatura francesa. A publicação dos primeiros fragmentos de anagramas em revistas literárias, patrimoniais – o *Mercure de France* – ou de vanguarda – *Tel Quel, Change* –, também contribuiu para orientar a recepção para o campo literário. É preciso sublinhar também, nesse processo, o papel principal desempenhado pelo grupo *Tel Quel*: os primeiros a dar, no fim dos anos 60, um lugar importante aos novos textos saussurianos são, com efeito, dois colaboradores de *Tel Quel*: Jacques Derrida e Julia Kristeva (DERRIDA, 1967, 1968; KRISTEVA, 1967, 1968, 1969a, 1969b). Ambos tiram implicações teóricas de sua leitura dos anagramas que eles integram em seu projeto de então: desconstrução da semiótica estrutural por um, elaboração de uma ciência do texto por outro. Seus trabalhos contribuem para impor a pesquisa saussuriana, e sua interpretação kristeviana dita dos paragramas, no centro dos debates sobre o texto e a literatura. A leitura dos anagramas proposta por *Tel Quel* é violentamente criticada pela revista dissidente *Change* e pelo coletivo *Action Poétique*. No segundo colóquio de Cluny de 1970, que constitui o clímax deste enfrentamento, os anagramas saussurianos estão no coração de uma confrontação que os

⁴ Lepschy (1966), Jakobson (1969; 1971; 1978) ou ainda Dupuis (1977) estão entre os raros pesquisadores a assinalar a necessidade de estudar os manuscritos não editados para compreender o procedimento de Saussure. É preciso dizer que a contracapa de *As palavras sob as palavras*, onde está escrito que “Jean Starobinski apresenta aqui a totalidade dos textos relativos à teoria dos *anagramas*”, é particularmente enganadora.

extrapola⁵. Se as implicações poéticas, psicanalíticas ou filosóficas da hipótese de Saussure são objeto de numerosos trabalhos, a dimensão propriamente linguística de seu trabalho é muito pouco estudada. O entusiasmo dos teóricos da literatura rompe com o silêncio observado pela maior parte dos linguistas.

• Outro traço importante é o caráter contrastado desta primeira recepção: os anagramas suscitam principalmente reações extremas, tanto o entusiasmo como a rejeição. Roman Jakobson está entre os mais entusiastas. Muito cedo ele exalta nos anagramas “*Saussure’s most daring and lucid discoveries*” (1966, p. 686) e, até o fim de sua vida, continuará a frisar sua importância e a reclamar suas publicações integrais⁶. Na esteira do entusiasmo manifestado por Jakobson, uma expressão faz sucesso, “segunda revolução saussuriana”. A fórmula, com acentos marxistas e kuhnianos, é atribuída injustamente a Jakobson⁷. A paternidade se deve, na verdade, a Thomas Aron, em um artigo de 1970 intitulado “Uma segunda revolução saussuriana?”. Se a forma é interrogativa, Aron apresenta de fato “os trabalhos que encontraram nos Cadernos de anagramas de Saussure, senão sua ‘fonte’, ao menos um reforço decisivo” como ‘desenvolvimentos ‘revolucionários’” (1970, p. 62). A expressão é retomada na contracapa da edição de *As palavras sob as palavras* e na imprensa (CLERVAL 1972, p. 12). Ela é desenvolvida por certos linguistas – Louis-Jean Calvet (1975), Jean-Michel Adam (1976) – e combatida por outros. René Amacker se indigna com o fato de que “se se fala de uma ‘segunda revolução saussuriana’, é a propósito do absurdo passatempo dos anagramas” (1975, p. 17). Georges Mounin vê nos anagramas uma “pesquisa equivocada, mas onde a crítica formalista atual, linguisticamente mal preparada, crê enxergar ‘uma segunda revolução saussuriana’ e uma ‘descoberta de primeira grandeza’” (AMACKER, 1972, p. 68). O entusiasmo pelos anagramas ilustra, segundo ele, “a transformação da cultura científica em semicultura jornalística, e a dificuldade do trabalho interdisciplinar” (MOUNIN, 1974, p. 241). Divididas entre interesses divergentes, sem base nem linguagem teórica compartilhadas, as trocas em torno dos anagramas se tornam acusações de expropriação disciplinar e de reducionismo científico.

⁵ Ver *La Nouvelle Critique* 29 (1970, p. 134-140). Encontraremos uma exposição *pro-Tel Quel* desse colóquio em Forest (1995, p. 350-354) e uma outra *pro-Change* em Montel (2000, p. 191-193). Sobre as questões políticas e ideológicas desses enfrentamentos, ver Gobille (2005), Matonti (2005) e Hamel (2014, p. 107-147).

⁶ Ver por exemplo Jakobson (1969, p. 5; 1970, p. 24; 1978, p. 22). Sobre a especificidade da leitura jakobsoniana dos anagramas, ver Testenoire (no prelo).

⁷ Jakobson não a emprega em nenhum de seus escritos. Esta atribuição errônea circula desde os anos 70 (LOTRINGER, 1973, p. 2; 1974a, p. 1; CHISS, FILLIOLET & MAINGUENEAU, 1976, p. 20; REDARD, 1978, p. 27) e é depois retomada na literatura crítica (FEHR, 2000, p. 190, por exemplo). O erro parece imputável ao encadeamento de duas frases na contracapa da edição de *As palavras sob as palavras*: “Fala-se hoje, a seu propósito, de ‘segunda revolução saussuriana’. Para Roman Jakobson, trata-se de uma intuição genial”.

● Os turibulários dos anagramas e seus ferrabrás concordam pelo menos em um ponto: esses cadernos revelam um novo aspecto do trabalho de Saussure, diferente do que se conhecia até então. Sejam eles julgados como “digressões geniais” ou como “pesquisas equivocadas”, os anagramas subvertem a representação que se faz do linguista, até aqui principalmente invocado pelo *CLG*. A cisão operada na figura do autor constitui um terceiro traço principal da recepção dos anos 60-80. O nome de Saussure não é mais associado apenas ao *CLG*, mas a dois trabalhos entre os quais é difícil estabelecer uma relação. Em suma, dois Saussure são revelados. Esse é o título escolhido para um colóquio consagrado aos anagramas que ocorreu em abril de 1974 em Nova York. A imagem de capa dos anais do colóquio (figura 1) é representativa do que se passa então.

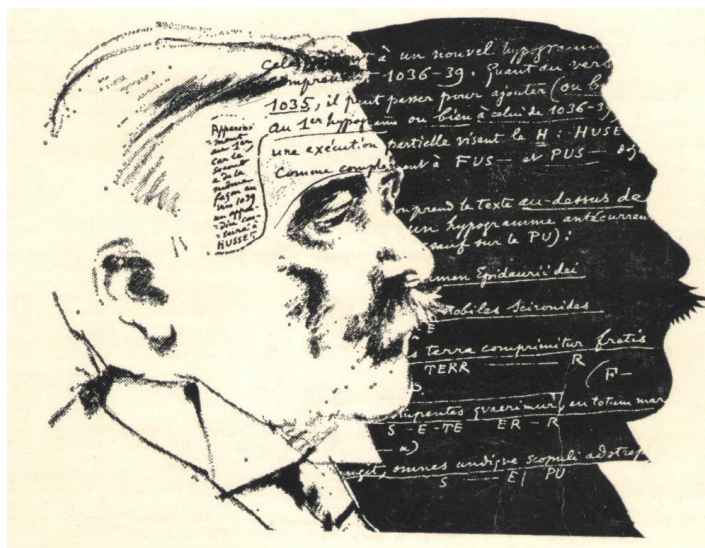


Figura 1: imagem da capa de *Les deux Saussure*, *Recherches-Sémiotexte* (1976).

Sobre a sombra projetada pelo linguista imprime-se uma reprodução de uma página de um manuscrito de Saussure sobre os anagramas. Sobre as faces diurna e noturna que encarnam a oposição entre o *CLG* e os anagramas vêm se enxertar as clivagens do revelado e do escondido, da ciência e da poesia, da razão e da loucura. Como se vê, as linhas do manuscrito de anagramas se estendem sobre a face diurna do linguista, e não em qualquer lugar: no lugar do cérebro. Alimentado por rumores, implícitos mas tenazes⁸, o tema da “loucura dos anagramas” acompanha a construção da figura de um Saussure bifronte. Os títulos dos artigos consagrados aos anagramas são eloquentes: “A loucura de Saussure”

⁸ Sobre esses rumores e seu papel na recepção dos anagramas, ver Testenoire (2013, p. 13).

(DEGUY, 1969), “Flagrante delírio”, “O complexo de Saussure” (LOTRINGER, 1974b, 1974c), “O esquizofrênico e a questão do signo” (IRIGARAY, 1974), “O signo e sua loucura: o dispositivo Mallarmé/Saussure” (PIERSSENS, 1979)... Comparado a Wolfson, a Roussel e a Brisset, o Saussure dos anagramas chega a ser classificado entre os logófilos (ADAM, 1976) ou os loucos literários (BLAVIER, 1982). O tema da loucura, no entanto, não é mobilizado tão somente pelos detratores dos anagramas, pois sua descoberta encontra uma conjunção – a publicação de *Schizo et les langues*, o magistério de Foucault no Collège de France, a pregnância da psicanálise... – favorável a um clima intelectual em que a loucura é pensada como outro modo de saber. A “loucura dos anagramas” designa, para alguns, o erro do linguista, tomado por uma pesquisa delirante, para outros, a contribuição de um trabalho aberto aos recalcados do que seria a racionalidade cerceada do *Curso* reduzida a suas famosas dicotomias. É sobre esta dualidade turva que se juntam os que veem nos anagramas intuições produtivas e os que “não falam senão com desconforto do que, a seus olhos, não é mais que um infeliz equívoco” (REDARD, 1978, p. 27). Por duas vias diferentes, nesses anos, tudo concorre para fazer dos anagramas, segundo a fórmula de Lotringer (1974a, p. 14), uma “cópia obscura do *Cours*”.

“Se há dois Saussure, então há uma diferença a constatar”

“Se há dois Saussure, então há uma diferença a constatar. E Saussure é o primeiro a nos ensinar que as diferenças são produtivas...”. A observação de Jean Starobinski (1974, p. 5) na introdução ao colóquio de Nova York levanta perfeitamente o problema que se apresenta aos leitores de Saussure. Se os anagramas e o *CLG* são heterogêneos, como todos parecem reconhecer, como pensar sua copresença? Como apreender a relação de duas pesquisas contemporâneas, mas que parecem se ignorar? Como articular o Saussure do *CLG* e o Saussure dos anagramas, o Saussure de Bally e Sechehaye e o Saussure de Starobinski? Devemos ler um com o outro? Um sem o outro? Um contra o outro? Na multiplicidade das reações suscitadas pela descoberta dos anagramas, é possível destacar três grandes respostas a essas questões, três pólos entre os quais se replica a gama de posições adotadas: a tese da ignorância mútua das duas pesquisas, a de sua oposição e a de sua complementaridade.

O postulado da ignorância mútua não é a posição majoritária, pois ela é, sem dúvida, a menos sustentável. Ela é adotada, no entanto, por certo número de linguistas, de orientação

saussuriana, para quem os anagramas não apresentam interesse científico. Reduzidos a um passatempo, os anagramas, segundo esta ótica, não trariam nenhuma contribuição à linguística geral que Saussure desenvolve no mesmo momento, e vice-versa.

É a tese da contradição das duas posturas que é a majoritária nos leitores desde os anos 60 e 70. De ser duplo, Saussure se torna Penélope, desfazendo à noite com seus anagramas o que ensina durante o dia na Universidade. O sucesso desta tese se explica também por sua comodidade: ela funciona nos dois sentidos. Ela permite tanto justificar o abandono da pesquisa sobre a poesia pela contradição encontrada com os princípios dos cursos como, inversamente, explicar a recusa em publicar suas teses de linguística geral pela dúvida conservada face ao enigma anagramático. Significativamente, Benveniste e Lotringer, em um movimento simétrico, apresentam cada pesquisa como o escapatório da outra:

Vemos em que debate Saussure estava aprisionado. Quanto mais ele sonda a natureza da linguagem, menos pode se satisfazer das noções recebidas. Ele busca então uma diversão nos estudos de tipologia etno-linguística, mas é sempre reconduzido a sua obsessão primeira. É talvez ainda para escapar que ele se jogará mais tarde nesta procura imensa de anagramas... Mas nós vemos hoje o que estava em jogo: o drama de Saussure iria transformar a linguística. As dificuldades com as quais se bate sua reflexão vão lhe constranger a forjar as novas dimensões que ordenarão os fatos de linguagem (BENVENISTE, 1966 [1963], p. 38).

Os Anagramas não foram publicados: a linguística nasceu dessa exclusão. Diríamos que a desrazão razoável de Saussure propôs de fato a fundação suprimida de tudo o que ele elaborou posteriormente. Como Hegel, Saussure “alcançou um extremo. Ele ainda era jovem e acreditou que estava enlouquecendo. Eu acredito, inclusive, que ele elaborou o sistema para escapar (cada tipo de conquista, sem dúvida, é o resultado de um homem fugindo de uma ameaça [...] o sistema é anulação” (Georges Bataille. *A experiência interior*. Paris. Gallimard, 1943: 72). O *Curso de linguística geral* aparece portanto, por meio desse revés, como uma escapada para frente, uma síntese extraordinária – uma pirâmide erguida numa repressão fundamental (LOTRINGER, 1973, p. 8).

As contradições teóricas percebidas entre o *Cours* e os anagramas fazem de cada pesquisa a censura da outra. A tese da contradição é anulativa (é preciso escolher entre os dois Saussure), mas às vezes ela se pretende também produtiva, em virtude de uma postura dialética. É a posição adotada por Louis-Jean Calvet em seu *Pour et contre Saussure. Vers une linguistique sociale* (1975), que une o Saussure dos anagramas à crítica marxista do *Cours*.

Os adversários desta leitura disjuntiva são pouco numerosos. Marginais, os esforços de certos linguistas para, se não convergir, ao menos ler conjuntamente a linguística geral de Saussure e suas pesquisas poéticas são tanto mais notáveis quanto se inscrevem em molduras teóricas heterogêneas: saussurismo, althusserismo, chomskismo. Entre eles, é

preciso contar Peter Wunderli, Rudolf Engler, Mitsou Ronat, ou ainda Michel Pêcheux e Françoise Gadet. Com objetivos e opções teóricas distintas, cada um se aplica a desenvolver, segundo a expressão de Mitsou Ronat, “uma leitura dos anagramas pela teoria saussuriana”, ou seja, principalmente pelo *CLG*.

Essas três opções – ignorância mútua, contradição, complementaridade – se reencontram em cada um dos grandes debates sobre os pontos de contatos teóricos entre as duas pesquisas. De fato, uma mudança na recepção do *Curso* se faz sobre três pontos principais: a linearidade, a concepção do signo e o papel do sujeito na teoria saussuriana.

A linearidade

A questão da linearidade é incontestavelmente a que, por influência dos anagramas, fez correr mais tinta. Ela é também o primeiro ponto de conexão reconhecido entre as duas posturas. Tudo parte de uma passagem dos cadernos publicada no primeiro artigo de Starobinski:

O princípio do difone equivale a dizer que as sílabas são representadas na CONSECUTIVIDADE de seus elementos. Eu não temo esta nova palavra, visto que, se ela existia, não é somente [], é pela própria linguística que ela faria sentir seus efeitos benéficos.

Que os elementos que formam uma palavra *se sucedem*, eis aí uma verdade que seria melhor não considerar, em linguística, como uma coisa sem interesse apenas porque é evidente, mas, pelo contrário, como uma coisa que fornece, antes do tempo, o princípio central de toda reflexão útil sobre as palavras. Em um domínio infinitamente especial como aquele que nós devemos tratar, é sempre em virtude da lei fundamental da palavra humana em geral que pode se colocar uma questão como a da consecutividade ou não-consecutividade, e desde a primeira

Pode-se dar TAE por *ta + te*, isto é, convidar o leitor não mais a uma justaposição na consecutividade, mais a uma média das impressões acústicas fora do tempo? Fora da ordem no tempo que têm os elementos? Fora da ordem linear que é observada se dou TAE por TA – AE ou TA – E, mas não é se dou por *ta + te* a amalgamar fora do tempo como eu poderia fazer com 2 cores simultâneas (SAUSSURE *apud* STAROBINSKI, 1971 [1964], p. 254)⁹.

Jean Starobinski (1964), que se abstém em seus comentários de qualquer referência às noções do *CLG*, nota a propósito desse texto que com os anagramas “a leitura se

⁹ Pode-se consultar em Testenoire (2013, p. 292-294) tanto uma reprodução deste manuscrito saussuriano como uma transcrição semi-diplomática, e constatar diversos erros (modificação da pontuação, passagem sublinhada não transcrita em itálico, omissão de uma inserção interlinear) na transcrição proposta por Starobinski.

desenvolve em outro ritmo (e em outro tempo): no limite, saímos do tempo da ‘consecutividade’ próprio à linguagem tradicional”.

É Jacques Derrida o primeiro a estabelecer uma ligação explícita entre essa passagem dos cadernos e o conceito de linearidade. Em sua crítica da “concepção linearista do tempo”, intrinsecamente ligada, segundo ele, ao fonocentrismo da metafísica ocidental, ele mobiliza o texto de Saussure e comenta: “esse modelo [linearista] funciona sozinho e em todo o *Cours*, mas Saussure está menos seguro dele, ao que parece, nos *Anagramas*” (DERRIDA, 1967, p. 105). Simultaneamente, Lacan integra o anagrama em sua crítica da linearidade. Já em 1957, em sua conferência *L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud*, ele tomava posição contra a linearidade saussuriana:

Mas a linearidade que F. de Saussure considera como constituinte da cadeia do discurso, conforme a sua emissão por uma só voz e na horizontal onde ela se inscreve em nossa escrita, se ela é necessária de fato, não é suficiente. Ela só se impõe à cadeia do discurso na direção em que é orientada no tempo, sendo mesmo tomada como fator significante em todas as línguas onde “Pedro derrota Paulo” inverte seu tempo ao inverter seus termos.

Mas basta escutar a poesia, o que talvez não fosse o caso de F. de Saussure, para que se faça ouvir aí uma polifonia e para que todo discurso se revele se alinhar às diversas partes de uma partitura (LACAN, 1957, p. 56-57).

Nos *Escritos*, publicados em 1966, ele torna a última frase afirmativa – “basta escutar a poesia, o que sem dúvida era o caso de F. de Saussure” – e acrescenta em nota uma referência aos anagramas. Barthes propõe, no mesmo momento, uma interpretação similar. Nas notas preparatórias de uma sessão de seu seminário de 1966-1967 na EPHE, que ele consagra ao “espaço da linguagem (o paragramatismo)”, ele observa no capítulo sobre o “alcance dos Anagramas”:

Contestação da linearidade da linguagem (Saussure contra o *Cours*): outro ritmo além daquele da consecutividade simples. Ritmo polifônico, i.e. na verdade extra-temporal: anagrama: “média das impressões acústicas fora do tempo”. De fato decisivo, postulação de um espaço da linguagem (e não de uma linha) (BARTHES, 2015 [1967], p. 146).

As referências aos anagramas em Lacan e em Barthes transitam por Julia Kristeva¹⁰, que desenvolve, a partir dos textos publicados por Starobinski, o conceito de “rede

¹⁰ Pelo menos é o que afirma Julia Kristeva em suas entrevistas com Chevalier e Encrevé (2006, p. 288): “Lacan simplesmente tinha lido o *Curso de Linguística Geral* postular que ‘o significante’ é linear. Ora, como freudiano e analista, Lacan tinha descoberto, de sua parte, que o significante não era linear; isso lhe saltava aos olhos através da lógica por enigmas do sonho; e ele ironizava esse pobre Saussure que não teria compreendido que o significante não é linear”. Quando eu lhe fiz notar que, nos *Anagramas*, as coisas se apresentavam de outro modo, Lacan corrigiu seu texto e atribuiu a Saussure a não-linearidade do significante.

paragramática” concebida como um “modelo *tabular* (não linear) do imaginário literário” (1967, p. 58).

A tese da contestação da linearidade do *Curso* nasce, como se vê, fora de preocupações linguísticas. Ela é, porém, imediatamente adotada pelos linguistas. Jakobson encontra nos anagramas um novo argumento contra um desses “dogmas saussurianos” que ele já havia contestado com o argumento da simultaneidade dos traços distintivos (JAKOBSON, 1962, p. 304-308; p. 419-420; p. 636). Sua tese, segundo a qual o anagrama se libertaria da linearidade, pois “os meios da linguagem poética estão em condições de nos fazer sair ‘da ordem linear’” (1970, p. 23), é retomada por Delas e Filliolet (1973, p. 180), Irigaray (1974, p. 44), Calvet (1975, p. 106), Adam (1976, p. 56)... Entre os exegetas saussurianos, Wunderli (1972, p. 78-84) examina em detalhe as ocorrências do conceito de linearidade nos textos de Saussure e conclui igualmente pela contradição entre os princípios teóricos e a prática dos cadernos. Engler (1974, p. 120) é o único a sustentar que os anagramas não colocam grandes problemas a um dos dois caracteres primordiais do signo enunciado no *Curso*.

A contestação da linearidade suscitada pela descoberta dos anagramas é exemplar dos deslocamentos de que os conceitos saussurianos são então objeto. Ela se baseia na assimilação, admitida por todos mas longe de ser evidente, da consecutividade da passagem citada por Starobinski e da linearidade do *CLG*. Ela coloca igualmente em evidência os numerosos mal-entendidos em torno da linearidade do *Curso*. Esse princípio, é verdade, só é evocado duas vezes no *CLG*, e de maneira expeditiva. Como se isso não bastasse, fala-se, na primeira vez, de caráter linear do significante (*CLG*, p. 103) e, na segunda, de caráter linear da língua, com remissão à passagem precedente (*CLG*, p. 170). As notas dos cadernos de alunos fornecem mais variação que esclarecimento, pois nelas se encontra um caráter linear atribuído sucessivamente à língua, à cadeia da fala, ao signo linguístico e ao significante. Quanto aos manuscritos de Saussure, eles desenvolvem pouco esse princípio (GODEL, 1957, p. 203-207; TESTENOIRE, 2012). Pouco explicitada e mal compreendida, a linearidade saussuriana se encontra no cruzamento de projeções múltiplas.

Em Saussure, como mostrou Godel (1957, p. 207), “o princípio de linearidade tem por consequência, de um lado, a estrutura linear de todo sintagma; por outro, a delimitação de toda unidade por segmentação”, ao passo que a linearidade posta em xeque pelos leitores

Quanto a seu papel de mediadora no caso de Barthes, ele é evidente na leitura das notas de seu seminário (BARTHES, 2015 [1967]).

dos anos 60 é menos uma propriedade da língua que um funcionamento discursivo: se se observa detalhadamente, Lacan contesta a linearidade do discurso, Barthes a “linearidade da linguagem”, Kristeva a linearidade do texto. A consideração de elementos do texto fora de sua sucessão não anula o princípio linguístico formulado no *CLG*. O princípio de linearidade, longe de sua acepção original, se encontra assim assimilado a uma concepção unívoca e monológica do discurso em oposição aos anagramas, que se abririam para a polifonia, característica do discurso poético ou esquizofrênico.

O que caracteriza enfim o debate sobre a linearidade é o manuseio aproximativo dos textos que o sustenta. Os argumentos em favor da contradição entre o *Curso* e os anagramas sobre essa questão são sempre tirados da passagem citada acima em que Saussure desenvolve a hipótese de uma “média das impressões acústicas fora do tempo”. Já em 1970, Thomas Aron nota que “‘fora da ordem no tempo que os elementos têm’ é sem dúvida a frase dos cadernos de anagramas saussurianos mais frequentemente citada”. Ele acrescenta: “Este falso alexandrino mallarmeano contém um poder singular” (1970, p. 57). A manifestação mais evidente desse poder é de ter feito esquecer seu ponto de interrogação final. Com efeito, as frases interrogativas do texto são sistematicamente lidas, citadas e retomadas como afirmações: a hipótese “da média das impressões acústicas fora do tempo” se transforma em uma teorização sobre a especificidade da linguagem poética. Do questionamento se passa ao decreto, depois ao conflito teórico. O deslizamento é tanto mais crucial quanto mais se havia mostrado desde que no caderno onde Saussure se interroga sobre “a média das impressões acústicas” figura um outro texto onde ele aporta uma resposta negativa a suas questões (TESTENOIRE, 2012, 2013, p. 281-298). Não somente Saussure responde negativamente às questões do primeiro texto, como ele conceitualiza o princípio de linearidade ao escrever que “a condição fundamental de toda palavra é correr sobre uma [] LINEAR” (SAUSSURE *apud* TESTENOIRE, 2013, p. 296). Este segundo texto, que não se encontra entre os fragmentos publicados por Jean Starobinski, é ignorado pela recepção dos anos 60-70, à exceção de alguns pesquisadores que têm um conhecimento de primeira mão dos manuscritos saussurianos (ROSSI, 1968; WUNDERLI, 1972). Essa visão parcial sobre as considerações teóricas conservadas nos cadernos de anagramas terá contribuído para instalar a tese da contradição entre os anagramas e o *Curso* sobre o princípio da linearidade.

O signo

A segunda grande via que liga os anagramas à leitura do *Curso* é a questão do signo. A concepção saussuriana do signo tal como é exposta no *CLG* se torna, a partir da publicação de *Da gramatologia*, a pedra de toque de críticas convergentes. Na esteira de Derrida, a crítica do idealismo atribuído à concepção saussuriana do signo encontra nos cadernos de anagramas um apoio de grande valia. Eles permitem assentar a crítica da semiótica estrutural lá mesmo onde esta encontra sua legitimidade: na referência a Saussure.

O exemplo mais emblemático é certamente fornecido por Julia Kristeva, que, na elaboração de uma teoria da significação textual ligada ao sujeito, o que ela chama a partir de 1969 de *semanálise*, parte da semiologia do *Curso* para propor sua superação. Na passagem de uma semiótica do signo para uma semiótica do texto, entendido como tipo de produção significante, Kristeva vai do *CLG* aos anagramas:

‘... neste sentido, a linguística pode se tornar o patrono geral de toda semiologia, ainda que a língua não seja mais que um sistema particular’ (*CLG*, p. 101). A possibilidade é assim enunciada para a semiótica de poder escapar das leis da significação dos discursos como sistema de comunicação, e de pensar outros domínios da *significância*. Uma primeira advertência contra a matriz do signo é então pronunciada – para ser aplicado no próprio trabalho de Saussure consagrado a *textos*, os *Anagramas*, que traçam uma lógica textual distinta daquela regida pelo signo (KRISTEVA, 1969a, p. 20-21).

O projeto da *semanálise* é penetrar no interior dos sistemas semióticos para descobrir o trabalho do significante em ação. Este trabalho é chamado de “paragramatismo”, em referência às análises de Saussure que são interpretadas como uma pesquisa da “significação através de um significante desmantelado por um sentido insistente em ação”. “Como se [Saussure] repudiasse sua própria teoria do signo”, acrescenta Kristeva (1969, p. 231). Seguindo outra via, Meschonnic (1970, 1982) também convoca os anagramas contra o signo da linguística estrutural, e seu dualismo considerado metafísico. O significado, acusado de ser transcendental, é repudiado em proveito do trabalho significante em condições de abrir sobre a materialidade do texto. Vários outros empreendimentos “de subversão do significado pelo significante” (ADAM, 1976, p. 50) ou de “desmembramento do signo” (NICOLAS, 1970, p. 74) reivindicam, na mesma época, os anagramas. Todas estas leituras têm em comum ser às vezes disjuntivas e especulativas. Trata-se menos de se interrogar sobre o procedimento de Saussure em seus cadernos e em seu ensinamento do que procurar nele, segundo a fórmula de Benveniste (1974, p. 31), “outro tipo de começo”.

É o que atesta, no colóquio de Cluny, a resposta de Meschonnic à comunicação de Mitsou Ronat, que defende, contra *Tel Quel*, que os anagramas não refutam o signo saussuriano:

No que concerne ao problema dos paragramas, me parece que se pode dizer que o trabalho a se fazer hoje na poética parte de Saussure, e não tem que se ater à problemática inicialmente colocada por Saussure, na qual ele próprio não podia ver o desfecho epistemológico na desconstrução do signo (MESCHONNIC, 1970, p. 134-140).

A articulação entre a teoria saussuriana do signo e os anagramas esbarra, porém, em um problema maior: o *status* das “palavras-tema”, aquelas palavras que as sílabas anagramáticas do texto reproduzem. Observando que as palavras-tema são quase sempre nomes próprios, Mitsou Ronat (1970a) se apoia na tese dos nomes próprios vazios de significação para conciliar o anagrama e o signo do *CLG*: sem significado, as “palavras-tema” então não seriam signos, e o anagrama não faria intervir a articulação do significante e do significado.

O mesmo problema encontra em Jakobson outra leitura, a ponto de questionar a definição saussuriana do signo linguístico. Com a linearidade, é a arbitrariedade que é visada:

O anagrama poético ultrapassa “as duas leis fundamentais da palavra humana” proclamadas por Saussure, a do laço codificado entre o significante e seu significado, e a da linearidade dos significantes. Os meios da linguagem poética podem muito bem nos fazer ir para “fora da ordem linear” (MF, p. 255) ou, como resume Starobinski, “saímos do tempo da ‘consecutividade’ própria à linguagem habitual” (*ibid.*, p. 254). (JAKOBSON, 1970, p. 23).

Ao passo que a contestação da linearidade induzida pelos anagramas é retomada e desenvolvida por Jakobson (1970), a da arbitrariedade se limita a essa única passagem. Ele se contenta em observar que com os anagramas “os significantes fazem desdobrar seus significados”. Esse mesmo tratamento expeditivo se encontra em Louis-Jean Calvet (1975, p. 106), para quem “a pesquisa saussuriana questionava as duas características principais do signo tal como ele é definido desde o *CLG*: linearidade e arbitrariedade. Linearidade de maneira evidente [...] Arbitrariedade de maneira deslocada”. São os trabalhos de Fónagy sobre as bases pulsionais da fonação que ele invoca para justificar esse questionamento deslocado, mas sem explicar a relação entre os trabalhos de Fónagy e as pesquisas poéticas de Saussure.

Se os anagramas servem para refutar a arbitrariedade, é porque, tratando da linguagem poética, eles são lidos como um trabalho sobre a motivação. Sem ser verdadeiramente embasada, essa leitura cratílina dos anagramas encontra numerosos partidários: Todorov

(1972), que analisa a pesquisa saussuriana como um trabalho sobre “o sentido dos sons”, ou Genette, que vê aí uma *Viagem à Cratília*:

Apague Hermógenes e você (re)encontra Crátilo. Há mesmo algo parecido em Saussure: apague o autor do *Curso*, e você encontra o sonhador de anagramas (GENETTE, 1976, p. 312).

Encontramos essa mesma análise em Pierssens, para quem o *CLG* é uma reação à descoberta da autonomia do significante que Saussure faz com os anagramas:

Tomando partido de Hermógenes contra Crátilo (se transpomos seu debate à discussão da relação do significante com o significado), Saussure condena ao desvio, à impotência, quanto àquilo que produz saber positivo, todas as práticas semióticas que ignorarão depois dele a partilha Ste/Sdo e a “convenção” que a rege (PIERSSENS, 1976, p. 57).

É o valor, enfim, que é afetado pela leitura dos anagramas, suscitando interpretações divergentes. Para Baudrillard (1976), com os anagramas – e particularmente com o princípio de emparelhamento dos fonemas nos versos – Saussure descobre a produção sem limite do material significante e o caráter sacrificial do poético. Essa intuição do poético como “extermínio do valor” foi recoberta, segundo ele, pela economia da significação (e seus conceitos: valor, significante, significado, oposição) estabelecida pelo *CLG* e pela linguística posterior a ele. Pêcheux e Gadet contestam essa oposição entre linguagem veicular e linguagem poética, economia do valor e troca simbólica. Para eles (1981, p. 57), “só se pode apreender o valor ligando fundamentalmente o trabalho sobre os *Anagramas* e o *Curso de linguística geral*”. O valor e o sistema diferencial que ele implica permitiriam conceber o não-dito e incluir que o não-dito é constituinte do dizer. Segundo Pêcheux e Gadet, os anagramas, ligados ao *CLG* pela teoria do valor, se confrontariam assim com o que Milner chama, a partir do real lacaniano, de o real da língua.

O sujeito

A crítica do signo operada a partir dos anagramas é indissociável de uma inscrição da problemática do sujeito na leitura de Saussure. É conhecida a censura endereçada ao *CLG*, nos anos 60 e 70, de excluir da linguística a História e o Sujeito. A crítica marxista, sociolinguística, a análise do discurso ou ainda a teoria da enunciação pontuam conjuntamente em Saussure uma insuficiente conceitualização da subjetividade na língua. O sujeito, reduzido apenas à consciência e separado de sua inscrição social e ideológica pela

distinção língua/fala, é percebido como uma lacuna na teoria saussuriana. Os anagramas, neste dispositivo, são lidos menos como o preenchimento dessa lacuna que como um impensado do *Curso* que viria, do interior, assombrar o sistema. Retorno do recalcado ou abertura nas suturas do campo: os problemas que a pesquisa dos anagramas suscita trabalham, segundo a maioria dos leitores de então, a língua do *CLG* geralmente assimilada a um simples código. Trata-se de opor uma leitura materialista dos anagramas ao idealismo imputado ao *CLG*, e cujos pressupostos são referidos, de maneira sumária e às vezes confusa, ao estoicismo, ao platonismo, até mesmo ao hegelianismo. Em Louis-Jean Calvet, por exemplo, o Saussure dos anagramas é assimilado a Volóchinov e à sua crítica do “objetivismo abstrato” do *Curso*. A superação da linguística da língua de inspiração saussuriana que ele propõe se faz segundo a articulação de duas vias: sociolinguística e psicanálise. Pois é também da conexão com o campo freudiano e lacaniano que se faz com os anagramas.

Quase todos os primeiros leitores dos textos identificaram o ponto cego do inconsciente como a principal explicação do impasse da postura anagramática de Saussure e de seu abandono. Se Jean Starobinski, em seu comentário que acompanha a publicação dos manuscritos (1971, p. 153-154), aponta a aporia do inconsciente, ele confessa retrospectivamente:

Eu, pelo contrário, resisti bastante à tentação de freudianizar as ideias de Saussure, isto é, de atribuir a iniciativa à palavra-tema, considerada como emissária do inconsciente. Mas, quando foram publicados, em 1964, alguns exemplares dos anagramas de Saussure, logo se tentou assimilar o pensamento de Saussure ao de Freud, sobretudo o Freud que analisa os lapsos e os chistes (STAROBINSKI *apud* BOUQUET, 2003, p. 304).

Efetivamente, os anos que se seguem à publicação dos fragmentos de anagramas veem florescer numerosos trabalhos (KRISTEVA, 1971; REY, 1973; IRIGARAY, 1974; LOTRINGER, 1974b) que mobilizam os conceitos psicanalíticos para ler os anagramas e, novamente, o *CLG*. Em “*Do sujeito em linguística*”, Julia Kristeva tenta assim articular uma reflexão epistemológica sobre o *status* do sujeito falante na teoria saussuriana com o pensamento lacaniano do sujeito. Sua leitura conjunta do *CLG* e dos anagramas encontra as clivagens lacanianas do sujeito – sujeito barrado e sujeito do inconsciente:

Ao mesmo tempo rasurado pela lei, e lhe dando apoio pelo desejo que o amarra ao significante, o sujeito em linguística é submetido a uma dupla condição: sujeito sob a lei, sujeito cristalizando no “tesouro do significante” (Lacan) e mais genericamente no processo gerador da linguagem. [...] O imenso bloco dos *Anagramas* de Saussure, colocando um peso esmagador sobre o *Curso* que eles contestam, é a prova mais

flagrante dessa contradição, que parece apontar para um dos limites do conhecimento que o sujeito alcança afrontando a matéria significativa que o constitui. Se, como escreve Lacan, “nada diz que o destino (do sábio) se inscreve no mito de Édipo, e que ele não saberia incluir a si mesmo no Édipo, apenas questioná-lo” (LACAN, 1966, p. 870), o caso do sujeito da linguística provoca mais essa dúvida (KRISTEVA, 1971, p. 115).

Outra contribuição importante nessa perspectiva: *O amor da língua* de Jean-Claude Milner. Sua leitura faz dos anagramas uma confrontação com um real (no sentido lacaniano), o da homofonia. Ao querer formalizar a língua, Saussure teria, com os anagramas, encontrado a língua lá onde se inscreve o desejo e a subjetividade na linguagem. “O fundamental”, conclui Milner (1978, p. 87), “é então que Saussure tenha colocado em termos de saber subjetivável o ponto onde a língua se liga à língua”.

Para concluir

Este breve percurso em vinte anos de uma literatura crítica abundante não terá esgotado todas as combinações adotadas para pensar aquilo que os anagramas fazem às teses do *Curso de Linguística Geral*. A dualidade que se observa na recepção de Saussure dos anos 60 e 70 não é uma especificidade desse período. A configuração singular da transmissão do *corpus* saussuriano inscreveu no destino de sua recepção essa faculdade de se opor a si mesmo ao grado dos interesses de época. Desde o novo Saussure generalista que os primeiros leitores do *CLG* descobrem, passando pelos dois, três, quatro Saussure dos anos 70-80 à medida que seus trabalhos foram sendo descobertos (anagramas, lendas, gramática comparada, estudo sobre a glossolalia...), até o neo-Saussure dos anos 2000 na esteira da publicação dos *Escritos de Linguística Geral*, cada novo Saussure serve precisamente para apoiar e legitimar uma oposição. A originalidade do período dos anos 60 e 70 não reside então na estratégia que vai de encontro à linguística estrutural que consiste em ler os anagramas contra o *Curso*. Ela está antes nos interesses múltiplos e, para alguns, contraditórios, dos quais a articulação do *Curso* e dos anagramas se torna o objeto. Não se trata mais, como no estruturalismo generalizado do pós-guerra, de exportar conceitos do *Curso* para a descrição e a teorização em campos conexos do saber. O encontro entre o *Curso* e os anagramas dá lugar a um vai-e-vem incessante, em horizontes disciplinares variados, de interpretações sobre a postura de Saussure, de reformulações de seus conceitos, de transferências, de aplicações, de cruzamentos teóricos – com Freud, os formalistas russos, Bakhtin, Volóchinov, Chomsky... A produtividade dessa recepção

excede os limites postos neste artigo: seus efeitos levam para além das ciências humanas (nas artes e na literatura principalmente) e para além do período considerado. A história dessa recepção está ainda por ser escrita.

Referências

ADAM, J.-M. La seconde révolution saussurienne. In: _____. (Org.). **Linguistique et discours littéraire**. Paris: Larousse, 1976, p. 42-59.

_____. Encore les chats. In: DELCROIX, M. ; GEERTS, W. (Org.). **Les Chats de Baudelaire**. Une confrontation de méthodes. Paris: PUF, 1980, p. 277-291.

AMACKER, R. **Linguistique saussurienne**. Genève: Droz, 1975.

ARON, T. Une seconde révolution saussurienne?. **Langue française**, v. 7, p. 56-62, 1970.

BARTHES. Genèse d'un séminaire inédit. **Genesis**, v. 39, p. 133-164, 2015 [1967].

BAUDRILLARD, J. **L'échange symbolique et la mort**. Paris: Gallimard, 1976.

BENVENISTE, E. Saussure après un demi-siècle. In: _____. **Problèmes de linguistique générale**, I. Paris: Gallimard, 1966 [1963], p. 32-45.

_____. **Problèmes de linguistique générale**, II. Paris: Gallimard, 1974.

BLAVIER, A. **Les fous littéraires**. Paris: Éditions des cendres, 2000 [1982].

BOUQUET, S. (Org.). **Cahier de l'Herne 76: Ferdinand de Saussure**. Paris: L'Herne, 2003.

BRUZZESE, D. Hommage à Jean Starobinski à l'occasion de son 90e anni-versaire. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 63, p. 269-273, 2010.

CALLUS, I. A Chronological and Annotated Bibliography of Works Referring to Ferdinand de Saussure's Anagram Notebooks. Part one, 1960-1979. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 55, p. 269-295, 2002.

CALVET, L.-J. **Pour et contre Saussure. Vers une linguistique sociale**. Paris: Payot, 1975.

CHEVALIER, J.-C.; ENCREVE, P. **Combats pour la linguistique, de Martinet à Kristeva**. Essai de dramaturgie épistémologique. Paris: ENS éditions, 2006.

CHISS, J.-L.; FILLIOLET, J.; MAINGUENEAU, D. **Linguistique française: initiation à la problématique structurale (1)**. Paris: Hachette, 1976.

- CLERVAL, A. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure. **Le Monde**, v. 7, Jan. 1972, p. 12.
- DEGUY, M. La folie de Saussure. **Critique**, v. 25, p. 20-29, 1969.
- DELAS, D.; FILLIOLET, J. **Linguistique et poétique**. Paris: Larousse, 1973.
- DERRIDA, J. **De la grammatologie**. Paris: Minuit, 1967.
- _____. La pharmacie de Platon. **Tel Quel**, v. 32, 1968, p. 3-48; v. 33, p. 18-59, 1968.
- DUPUIS, M. À propos des anagrammes saussuriens. **Cahiers d'analyse textuelle**, v. 19, p. 7-24, 1977.
- ENGLER, R. La linéarité du signifiant. In: AMACKER, R.; DE MAURO, T.; PRIETO, L. (Org.). **Studi saussuriani per Robert Godel**. Bologne: Il Mulino, 1974, p. 111-120.
- FEHR, J. **Saussure entre linguistique et sémiologie**. Trad. P. Caussat. Paris: PUF, 2000 [1997].
- FOREST, P. **Histoire de Tel Quel. 1960-1982**. Paris: Seuil, 1995.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. **La langue introuvable**. Paris: Maspéro, 1981.
- GENETTE, G. **Mimologiques**. Voyage en Cratylie. Paris: Seuil, 1976.
- GOBILLE, B. La guerre de *Change* contre la dictature structuraliste de *Tel Quel*. Le théoricisme des avant-gardes littéraires à l'épreuve de la crise politique de Mai 68. **Raisons politiques**, v. 18, p. 73-96, 2005.
- GODEL, R. **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale**. Genève: Droz, 1957.
- _____. Inventaire des manuscrits de F. de Saussure remis à la Bibliothèque publique et universitaire de Genève. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 17, p. 5-11, 1960.
- HAMEL, J.-F. **Camarade Mallarmé**. Une politique de la lecture. Paris: Minuit, 2014.
- IRIGARAY, L. Le schizophrène et la question du signe. **Les deux Saussure, Recherches-Sémiotexte**, v. 16, p. 31-42, 1974.
- JAKOBSON, R. **Selected Writings I: phonological studies**. The Hague: Mouton, 1962.
- _____. Retrospect. In: _____. **Selected Writings IV: Slavic epic studies**. The Hague: Mouton, 1966, p. 637-704.
- _____. Saussure's Unpublished Reflexions on Phonemes. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 26, p. 7-14, 1969.
- _____. La première lettre de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. **L'Homme**, v. 11, n° 2, p. 15-24, 1970.

- _____. Entretien avec Robert et Régine Georin. **Jakobson, Cahiers Cistre**, v. 5, p. 11-26, 1978.
- KRISTEVA, J. Pour une sémiologie des paragrammes. **Tel Quel**, v. 29, p. 53-75, 1967.
- _____. Poésie et négativité. **L'Homme**, v. 8, n° 2, p. 36-63, 1968.
- _____. L'engendrement de la formule. **Tel Quel** v. 37, p. 34-73, 1969a; v. 38, p. 55-81, 1969a.
- _____. Le texte et sa science. **Σημειωτική: Recherches pour une sémanalyse**. Paris: Seuil, 1969b, p. 9-28.
- _____. Du sujet en linguistique. **Langages**, v. 24, p. 107-126, 1971.
- LACAN, J. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. **La psychanalyse**, v. 3, p. 47-81, 1957.
- _____. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.
- LEPSCHY, G. C. **La linguistica strutturale**. Torino: Einaudi, 1966.
- LOTRINGER, S. The Game of the Name. **Diacritics**, v. 3, n° 2, p. 2-9, 1973.
- _____. (Org.). **Les deux Saussure, Recherches-Sémiotexte**, v. 16, 1974a.
- _____. Flagrant délire. **Les deux Saussure, Recherches-Sémiotexte**, v. 16, p. 7-14, 1974b.
- _____. Le complexe de Saussure. **Les deux Saussure, Recherches- Sémiotexte**, v. 16, p. 90-112, 1974c.
- MATONTI, F. La politisation du structuralisme. Une crise dans la théorie. **Raisons politiques**, v. 18, p. 49-71, 2005.
- MESCHONNIC, H. **Pour la poétique I**. Paris: Gallimard, 1970.
- _____. **Critique du rythme**. Paris: Verdier, 1982.
- MILNER, J.-C. **L'amour de la langue**. Paris: Verdier, 2009 [1978].
- MONTEL, J.-C. **La littérature pour mémoire**. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2000.
- MOUNIN, G. **La linguistique du XXe siècle**. Paris: PUF, 1972.
- _____. Les anagrammes de Saussure. In: AMACKER, R.; DE MAURO, T.; PRIETO, L. (Org.). **Studi saussuriani per Robert Godel**. Bologne: Il Mulino, 1974, p. 235-241.
- NICOLAS A. Écriture et/ou linguistique (À propos du groupe *Tel Quel*). **Langue française**, v. 7, p. 63-75, 1970.

- PIERSSSENS, M. **La Tour de Babil**. La fiction du signe. Paris: Minuit, 1976.
- _____. Le signe et sa folie: le dispositif Mallarmé/Saussure. **Romantisme**, v. 25-26, p. 49-55, 1979.
- PUECH, C. L'émergence de la notion de discours en France et les destins du saussurisme. **Langages**, v. 159, p. 93-110, 2005.
- REDARD, G. Deux Saussure?. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 32, p. 27-41, 1978.
- REY, J.-M. Saussure avec Freud. **Critique**, v. 309, p. 135-167, 1973.
- RIFFATERRE, M. **La production du texte**. Paris: Seuil, 1979.
- _____. **Sémiotique de la poésie**. Paris: Seuil, 1982.
- ROBEL, L. Une lecture des poètes. **Change**, v. 6, p. 82-88, 1970.
- RONAT, M. Questions sur les idéologies qui président à, et naissent de l'utilisation de théories linguistiques par la littérature. **La Nouvelle Critique** 29. Littérature et idéologies. Colloque de Cluny II, 1970a, p. 128-133.
- _____. Vers une lecture des anagrammes par la théorie saussurienne. **Change**, v. 6, p. 119-126, 1970b.
- ROSSI, A. Gli anagrammi di Saussure: Poliziano, Bach e Pascoli. **Paragone**, v. 218, p. 113-127, 1968.
- ROUBAUD, J.; LUSSON, P. Sur la sémiologie des paragrammes de J. Kristeva. **Action Poétique**, v. 41-42, p. 56-61, 1969.
- SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**, publié par Ch. Bally & A. Sechehaye. T. De Mauro (Org.). Paris: Payot, 1967 [1916].
- _____. **Cours de linguistique générale**. R. Engler (Org.). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968-1974.
- STAROBINSKI, J. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure. **Mercure de France**, v. 1204, p. 243-262, 1964.
- _____. Les *Mots sous les mots*: textes inédits des cahiers d'anagrammes de Ferdinand de Saussure. **To Honor Roman Jakobson**: essays on the occasion of his seventieth birthday, 11 October 1967. The Hague; Paris: Mouton, 1967, p. 1907- 1917.
- _____. Le texte dans le texte. **Tel Quel**, v. 37, p. 3-33, 1969a.
- _____. Le nom caché. In: CASTELLI, E. (Org.). **L'analyse du langage théologique**. Le nom de Dieu. Paris: Aubier, 1969b, p. 55-70.
- _____. La puissance d'Aphrodite et le mensonge des coulisses. Ferdinand de Saussure lecteur de Lucrèce. **Change**, v. 6, p. 91-118, 1970.

_____. **Les Mots sous les mots.** Les anagrammes de Ferdinand de Saussure. Paris: Gallimard, 1971.

_____. Pour introduire au colloque. **Les deux Saussure, Recherches- Sémiotexte**, v. 16, p. 5-6, 1974.

TESTENOIRE, P.-Y. La linéarité saussurienne en rétrospection. **Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft**, v. 22, p. 149-170, 2012.

_____. **Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes.** Limoges: Lambert-Lucas, 2013.

_____. Ce que les théories du discours doivent à Saussure. **Semen**, v. 39, p. 165-178, 2015.

_____. Poétique saussurienne, poétique jakobsonienne: quels rapports?”. **History of Linguistics 2014**. ASSUNÇÃO, C. ; FERNANDES, G.; KEMMLER, R. (Org.). Amsterdam: Benjamins, 2016.

TODOROV, T. Le sens des sons. **Poétique**, v. 11, p. 446-462, 1972.

WUNDERLI, P. **Ferdinand de Saussure und die Anagramme.** Linguistik und Literatur. Tübingen: Max Niemeyer, 1972.